

Tambores da Astúcia<sup>1</sup>

Gilberto Geribola Moreno

Universidade Federal de São Carlos

Campus Sorocaba.

UFSCar-So

Palavras chave: Juventudes, Samba, Territorialidades.

---

<sup>1</sup>"Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)"

## **Introdução**

Este texto apresenta alguns apontamentos originários de uma pesquisa que venho desenvolvendo nas cidades de Foz do Iguaçu e Sorocaba. Nela busco observar as relações que os jovens estabelecem com a cultura popular de matriz afrodescendente, especificamente, o samba. Busca enfatizar nesse trabalho a relação entre essa dimensão da cultura negra brasileira apontando para o papel de construção de uma cidadania que se desenvolve das bordas para o centro do tecido social transbordando-o e criando formas de apropriação da cidade. Busco por meio das formulações de Michel de Certeau abordar uma prática cultural específica promovida por grupos subalternizados na cidade de Sorocaba. As observações que constituem essa reflexão fazem parte de um estudo que aborda mais de uma cidade. Porém, neste trabalho, vou me ater a essa cidade do interior paulistano. Busca-se por meio de uma abordagem de perto e de dentro apresentar uma prática cultural recorrente, mas invisibilizada na cidade, e que por meio de certa astúcia e do desenvolvimento de uma estratégia um espaço específico dentro da cidade, compondo-a e estabelecendo certa fricção com a perspectiva hegemônica.

### **Chegando na cidade e seus espaços.**

Ao se aproximar da cidade de Sorocaba observa-se uma placa colocada no canteiro central da avenida que dá acesso à cidade com a frase: Sorocaba é do senhor Jesus Cristo. De vez enquanto essa placa apresenta alguma intervenção dissonante,

sendo a mais conhecida o picho<sup>2</sup> “até às dezoito” grafado logo abaixo da mensagem principal.

Cidade de expressão política conservadora apresenta diferentes matizes do neoconservadorismo votando e elegendo representantes políticos alinhados à direita e extrema direita. Em episódio imediatamente posterior à vitória do atual presidente da república parcela da população bloqueou a Rodovia Raposo Tavares contanto com a participação de vereadores e do prefeito. Em certa medida a cidade de Sorocaba é identificada pelo conservadorismo e religiosidade cristã. Haja vista o cumprimento recorrente com menções a Deus ou a substituição em diferentes relações e, sobretudo, nas comerciais do “obrigado” pelo “Deus abençoe” que surpreende o visitante incauto.

Ainda que se observe a predominância dessas manifestações há dissidências e pode-se pensar a cidade como um espaço integrado por grupos que se rege por outras lógicas e que, também, compõe o território citadino. Portanto, é possível compreender a cidade como espaço de integrado por meio da ação e das práticas cotidianas (Certeau, 1996) de seus diferentes habitantes que podem, em certa medida, criar contra discursos, especialmente, frente aos estereótipos de “ Cidade do senhor Jesus”, conservadoras etc, sem, obviamente que essas dimensões deixem de existir. Mas é importante observar que há certa astúcia por parte dos grupos minoritários que criam espaços intersticiais, linhas de fuga, que compõem o tecido social da cidade. Seguindo a perspectiva de De Certeau (1996, p. 95) pode-se afirmar que há uma astúcia por parte dos adeptos das religiões de culto aos orixás no sentido de ser “possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como ‘último recurso’: “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais estará sujeita à astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática”.

---

<sup>2</sup> Utilizo o termo em conformidade com o utilizado e grafado pelos pichadores.

Pode-se afirmar que as dinâmicas instituídas pelas práticas culturais, pela circulação e fluxo de objetos, signos e pessoas, podem promover a constituição de diferentes configurações socioculturais, de formas de existir e de híbridos resultantes do intercâmbio entre os elementos significantes nesse território. As observações que venho realizando no campo das relações entre o universo do samba e dos terreiros de umbanda e candomblé na cidade de Sorocaba “parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas; gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos” (idem, p. 98)

### **Sorocaba lado B**

Compondo esse lado da cidade vimos acompanhando espaços e manifestações culturais que estão fenômenos interligadas: bares com decoração composta por objetos, quadros, estatuas etc que fazem referências aos orixás e deidades do candomblé expressando certa identidade religiosa, porém em espaço profano; a realização rotineira de rodas de samba denominadas samba de terreiro nas quais se tocam e cantam sambas que fazem referência aos orixás; a presença nesses bares de casas de candomblé e/ou umbanda, mas, também, de pessoas sem relação estreita com essas religiões.

A relação entre o samba e os terreiros de candomblé não é algo inusitado, extemporâneo ou uma novidade no campo das relações sociais brasileiras. Essa relação já foi cantada em verso e prosa por diferentes músicos e compositores. Além disso esta relação está nas origens do samba que segundo diferentes fontes (Neto (2017); Moura (2022) Lopes & Simas (2023)) se desenvolveu a partir de encontros promovidos nos barracos do

subúrbio do Rio de Janeiro reunindo residentes, baianos e negros recém libertos da escravidão.

O que chama atenção nesta pesquisa é, em primeiro plano, a persistência desta relação formando um cenário de encontro no qual as pessoas se manifestam como participes de uma cidade que não se revela ao olhar ou que se apresenta como o lado oculto, subterrâneo ou, como se pronunciou um de meus interlocutores: “ Sorocaba tem um lado B pouco conhecido”. Seguindo-se essa lógica expressa por certos interlocutores a cidade aparece seccionada por diferentes espaços ou territorialidades. Cabe ressaltar que essa segmentação compõe a cidade e a maneira pela qual seus habitantes a percebem a a vivenciam.

Ainda que se possa questionar a ideia de uma cidade oficial e outra não oficial, que ocorreria nas margens ou interstícios, não se pode negligenciar as manifestações desses moradores que parecem sugerir habitarem uma cidade que não aquela cantada em verso e prosa.

### **O Bar do Seu Zé**

A cidade comporta um circuito de casa na quais se toca e consome o samba, especialmente o samba de roda e o samba de terreiro<sup>3</sup>. Há um acordo entre os estabelecimentos definindo uma agenda de apresentações no intuito de não dividir a clientela. Segundo um interlocutor: “Na sexta é aqui no meu bar, no sábado no Depois, na segunda no Carlinhos. A cena do samba é pequena. Se todo mundo fizer no mesmo dia não tem gente pra ir em todos os lugares”. Do conjunto desses espaços eu optei pelo Bar do Seu Zé como campo de observação a ser

---

<sup>3</sup>O samba de terreiro era a denominação originalmente usada para os sambas que se faziam nos terreiros do Rio de Janeiro ou das tias, como, por exemplo, Tia Ciata. Recentemente e em meu campo de pesquisa essa denominação diz respeito aos sambas que fazem referências aos orixás. Martinho da Vila, Clementina de Jesus, Clara Nunes entre outros são artista que consagraram trabalhos a essa linha de composição e interpretação.

apresentado nesta comunicação, ainda que eu venha acompanhando outros espaços.

Um poste pintado com a imagem de Zé Pelintra<sup>4</sup> demarca a calçada do Bar do Seu Zé, entidade cultuada pelo proprietário do estabelecimento. Ao entrar no estabelecimento depara-se com diferentes imagens desta entidade colocadas por diferentes pontos da casa, Todas acompanhadas de Maria Navalha, mulher que Zé Pelintra amava. Velas e oferendas compõem o cenário deixando a impressão de um ambiente híbrido<sup>5</sup>. Profano, como um bar, mas que exige certa devoção ou respeito ao rei da malandragem, o Seu Zé. O proprietário se apresenta com chapéu branco adornado com fita vermelha, acessórios que compõe a vestimenta de Zé Pelintra. Por vezes se veste de branco assim como sua esposa que se caracteriza de Maria Navalha. Todo o ambiente é envolto em uma performance passível de ser abordada a partir das formulações de Zumthor (2007). Segundo este autor a performance é um modo vivo de comunicação poética” que não se processa apenas por atos de fala, mas que a performance (...) “é um acontecimento oral e gestual” (p. 41). A noção de performance comporta “(...) um elemento irreduzível, a ideia da presença de um corpo” (ZUMTHOR, 2007, p. 42) que necessita de um espaço para sua manifestação. A performance “(...) não apenas se liga ao corpo, mas, por ele, ao espaço. O laço entre corpo e espaço remete segundo o autor à noção de teatralidade” (idem, p. 42), um jogo de ficção.

Neste ambiente há noite consagrada ao “samba de terreiro” entoado por um grupo de samba composto por percussão, cavaquinho e violão. Nestas noites o bar reúne aficionados pelo samba, mães e pais de santo, adeptos do candomblé ou da umbanda, bem como leigos e curiosos de

---

<sup>4</sup>Zé Pelintra ou Zé Pilintra é uma entidade presente em religiões de matriz afro-brasileira especialmente a umbanda e o catimbó.

<sup>5</sup>Cabe observar que esse tipo de “decoração” aparece em outros estabelecimentos comerciais em diferentes estados do Brasil. Toma-se esse bar como um caso paradigmático.

diferentes denominações religiosas. O canto é acompanhado efusivamente pelos presentes que dançam e rodeiam pelo salão como se em um terreiro estivessem. Interpelada sobre a possibilidade de incorporar uma entidade uma interlocutora afirmou que “ a gente tem a cabeça feita. Sabe controlar as coisas e não permitir que o santo desça aqui. Aqui não é o lugar, mas se bobear ele vem”.

Nestes dias um grupo se apropria do bar. Trata-se de uma família que mantém uma casa de candomblé em outra região da cidade. Parte da família compõe o grupo de músicos e outra parte entoava os cânticos e danças em meio aos frequentadores que vão sendo paulatinamente envolvidos pela dinâmica performática ainda que não sejam adeptos das religiões de culto aos orixás. “Uma vez por mês pelo menos fazemos isso aqui. É divertido e ao mesmo tempo leva nossa mensagem pro povo. Dá pra ver que todos gostam”, diz uma interlocutora.

Um componente peculiar nessa trama é a relação lúdica que os frequentadores do bar estabelecem com as entidades ali representadas ao mesmo tempo em que manifestam reverência aos santos por meio das músicas, gestos e trejeitos corporais. O bar se constitui como uma ‘zona cinza’ na qual ocorrem o intercâmbio de diferentes aspectos da cultura em meio à redefinição do espaço que passa a comportar certa opacidade cultural (GLISSANT, 2005), mesclando ou, seguindo as formulações de Hall (2003), acoplando diferentes elementos dos planos profano e sagrado em uma combinação peculiar.

### **“O Axé se faz de pai e mãe pra filhos”**

Samba, agoniza, mas não morre

Alguém sempre te socorre

Antes do suspiro derradeiro

O icônico samba de Nelson Sargento sinaliza para uma recorrente ação que salva o samba de seu desaparecimento que no caso de minhas observações pode apontar a ação de jovens sambistas que recorrem às rodas de samba como espaço de sociabilidade, mas, também, de revigoração desse gênero musical. Assim parece ocorrer com o candomblé e seu entrelaçamento com o samba. Observo a presença juvenil como um marco importante a ser observado nesta configuração. Uma nova geração de sambistas e instrumentistas se faz presente na cena do samba. Em meu espaço de pesquisa são recorrentes as referências às relações geracionais. “O samba é assim. É o axé que se faz de pai para filho”, afirma um interlocutor.

Assim, questões referentes às interações entre os grupos de idade e às relações geracionais requerem um tratamento específico a ser desenvolvido no decorrer do trabalho de campo desta pesquisa.

### **Conclusão**

Tomando como paradigma o Bar do Seu Zé no conjunto das observações que venho realizando me parece plausível afirmar que as entidades do candomblé sofrem um processo de desterritorialização por meio da ação dos devotos dessa religião que são reterritorializados sob diferentes signos e em uma configuração distinta daquela que presa a tradição, recriando-se o culto aos orixás como componente das práticas culturais de origem popular para além dos espaços destinados a esse fim. Concomitantemente, observa-se a definição de novas territorialidades criando certa identificação entre os frequentadores do bar que pode ser compreendido como uma “territorialidade existencial” (GUATTARI, 1992) para essas pessoas.

Tendo a pensar esse cenário por meio das observações de Ortner (2006), ao afirmar que “expressões como “cultura pública” ou, nos termos de James Clifford, em “culturas



viajantes” (2000) dão conta de uma perspectiva móvel das formas e das forças culturais e, com isso, deslocando a tradição e sobrepondo novos elementos sobre esta, recriam, “reinventam” a cultura que se inova por meio da experiência dos agentes no entrelaçamento do espaço e do tempo. Por meio de uma prática cultural que usa de uma tática baseada em desvio e retorno (GLISSANT, 1981) adotam certa licenciosidade quando estão no território do bar promovendo a tradição e as práticas rituais tradicionais quando estão na casa de candomblé.

Desse modo seria possível afirmar que os frequentadores do Bar do Seu Zé atuam embasados em certos elementos das tradições dos terreiros e das religiosidades de matriz afrodescendente deslocando alguns componentes e agregando outros de diferentes origens, recriando nesse movimento, novas manifestações e práticas culturais que redefinem os usos dos espaços da cidade estabelecendo outras territorialidades.

### **Referências bibliográficas:**

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. São Paulo: Editora Vozes, 1996.

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES, A.A. (org.) O Espaço da Diferença. Campinas: Papyrus Editora, 2000.

GLISSANT, É. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora:UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. Le discours antillais. Paris: Seuil, 1981. p.190-201: Le Même et le Divers.

GUATTARI, F. Cosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

LOPES & SIMAS. Dicionário da História do Samba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MOURA, R. Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro. São Paulo: Todavia, 2022.

NETO, L|. Uma história do Samba: as origens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. Conferência proferida na 25 Reunião Brasileira de Antropologia. Goiana, 2006.

ZUMTHOR P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.